

David Safier

Uma Família Feliz

Os Von Kieren e a maldição da bruxa

Tradução
Cristina Vaz

 Planeta

*A Marion, Ben e Daniel: vocês fazem-me feliz!
(Obviamente, tu também, Max.)*

Emma

– Há um ditado índio que diz que quanto mais gostamos de uma pessoa mais vontade temos de a matar – disse a minha empregada.

E eu pensei: *Claro que gosto da minha família.*

O telemóvel tocou pela enésima vez enquanto estava a trabalhar na minha pequena livraria. Primeiro tinha sido Ada, a minha filha adolescente, a telefonar para preparar o meu estado de espírito porque tinha chumbado (por infelicidade, tinha tanto talento para a matemática como um *labrador*).

A seguir ligou-me o seu irmão mais novo, Max, para me dizer que não conseguia entrar em casa porque se tinha esquecido das chaves (existirá alguma espécie de Alzheimer infantil?).

E, segundo o visor do telemóvel, desta vez era Frank, o meu marido. Com certeza para me comunicar que, tal como todos os dias, iria chegar tarde do escritório. (O que significava que não só teria de ser eu a discutir com Ada por causa da sua tremenda preguiça para a escola como também teria de lutar sem qualquer tipo de ajuda contra o caos que reinava em casa. Alguns dias parecia que os Hunos a tinham arrasado. Acompanhados por elefantes. E por ogres. E pela Britney Spears.)

Decidi não atender o telemóvel e poupar a mim mesma uma conversa que apenas teria conseguido irritar-me e que, quando terminasse, teria feito com que me irritasse ainda mais por me ter irritado tanto.

Em vez de atender, olhei com ar apático pela montra da minha livraria, que se chamava Lemmi und die Schmöker, como o programa de televisão sobre livros infantis que havia nos anos de 1970. E pensei com tristeza que houve um tempo em que amava a minha família incondicionalmente. Isso foi antes de termos sido visitados pelos monstros habituais: stresse profissional, crise dos quarenta e puberdade.

Sim, nós, os Von Kieren, tínhamos sido uma família feliz. Mas perdêramos algo nos últimos anos. Apesar de ser lamentável, não fazia a menor ideia do que seria e, como tal, ainda sabia menos como poderia voltar a encontrar esse algo. Embora o desejasse com toda a minha alma.

Enquanto pensava com saudade nos velhos tempos, passou diante da montra da minha livraria um rapaz com um traseiro fabuloso. Endireitei os óculos e observei-o com mais atenção.

– Rabo jeitoso, não é? – comentou Cheyenne, a minha velha empregada, que na realidade se chamava Renate, mas que não respondia a esse nome e que, com as suas flores no cabelo e vestidos folgados, era decerto a *hippie* mais velha de todo o Universo conhecido.

– Hum, não vi rabo nenhum – menti, de modo não muito convincente. Cheyenne sorriu-me com picardia. E apressei-me a acrescentar: – Além disso, faltava-lhe chicha.

– Afinal viste-o, Emma – disse com um sorriso trocista. E enquanto eu fazia cara de «fui apanhada», salientou: – Aquele rapaz podia ser teu filho.

Meu Deus, Cheyenne tinha razão. Eu estava no final da casa dos trinta e ele, quando muito, no início dos vinte. E eu deslumbrada a olhar para um rapaz tão novo. Que vergonha.

– Quando foi que fizeste amor pela última vez, Emma? – perguntou Cheyenne, e bebeu um golinho do seu chá *Iogi*, que cheirava como se um *Iogi* velho tivesse lavado os pés lá dentro.

– Hum... – Hesitei na resposta porque era difícil lembrar-me.

– Era o que eu imaginava – disse sorrindo com cara de gozo.

De facto, com todo o stresse que eu e Frank tínhamos no trabalho e com os miúdos, para nós praticar sexo com regularidade era coisa de ficção científica.

– Eu fi-lo ontem – informou-me satisfeita.

Antes de poder pedir a Cheyenne que não entrasse em pormenores, ela continuou a falar:

– Só te digo, o Werner é um bocadinho raquítico, mas tem uma coisinha enorme...

– Espera aí – interrompi-a algo confusa –, chamas «coisinha» a...?

– Coisinha ou pilinha.

– Prefiro «coisinha» – decidi.

– O Werner também diz o mesmo.

Bebeu outro gole de chá e prosseguiu toda contente:

– O Werner é quase tão bom amante como Carlos foi em tempos, durante o Outono Quente em Itália.

Cheyenne adorava falar-me dos seus ex-amantes, dos homens com quem dormira ao longo de décadas, de Yusuf, de Mumbato ou de Mao... E eu gostava de ouvir as suas histórias de países distantes. Países que com certeza nunca veria, apesar de quando era jovem sempre ter sonhado viajar por todo o mundo.

– Tenho de ir a casa abrir a porta ao meu filho... – expliquei suspirando, e tirei do cabide o meu casaco de couro gasto.

– Vai à vontade, Emma, quase não há clientes – disse a velha *hippie* com um sorriso.

– Temos muitos clientes! – protestei.

Mas não era verdade. Nessa tarde também tinham entrado muito poucas pessoas: a médica que uma vez por semana me pedia conselhos durante horas para a seguir encomendar os livros no Amazon. Uma família que comprara para os filhos um exemplar de *A Casa Mágica na Árvore*, mas que me tinham dado cabo de doze livros caros de capa dura ao folheá-los com as mãos lambuzadas de gelado. E Werner, o amante de Cheyenne, que, só para ver o seu amor, tinha comprado o conto *Conny Dorme no Jardim-de-Infância*.

– Devíamos vender literatura erótica – propôs Cheyenne.

– É uma livraria infantil!

– Mas há títulos bastante interessantes de literatura erótica – insistiu. – Por exemplo, *A Escrava dos Cossacos*...

Fiz cara feia.

– Ou *Troca de Camas na Dinamarca...*

Fiz uma careta ainda mais feia.

– Ou *Três Nozes para a Cinderela*.

– Isso é um conto infantil – repliquei.

– Não nessa versão – disse Cheyenne sorrindo com ar malandro.

– Não quero vender esse tipo de livros – protestei, e apressei-me a acrescentar: – E também não quero saber a história das três nozes.

– Mas a livraria vai falir! – insistiu Cheyenne. – O sofá de leitura está uma lástima, o canto dos jogos é quase tão velho como eu e, no outro dia, ao limpar o pó às estantes do armazém, vi uma barata.

Cheyenne dizia em voz alta verdades detestáveis sobre a minha livraria. Verdades que eu não queria ouvir porque a culpa era minha. Se tivesse mais energia e tempo para a livraria, tudo teria melhor aspecto e também haveria mais vendas. Mas a quem sobra energia e tempo quando se tem uma família que nos deixa sem forças?

Cheyenne pronunciou outra verdade, muito mais amarga:

– Só há uma hipótese de aumentar os lucros: tens de me despedir.

– Nem pensar – repliquei.

– Mas tu não precisas de mim – disse Cheyenne com tristeza, e de repente pareceu mesmo velha –, tu sozinha chegas para vender quatro livros.

Isso é verdade, pensei.

– E engano-me sempre nas contas – lamentou-se em voz baixa.

– Isso é verdade – disse eu então em voz alta.

– E na semana passada entupi a sanita.

– Foste tu? – gritei indignada, porque a sanita entupida tinha-me feito gastar um balúrdio no canalizador. – Como fizeste?

– O meu emplastro para as hemorróidas caiu lá dentro – confessou tímida.

Cheyenne tinha razão em tudo: despedi-la seria bom para a minha conta corrente e decerto também para a minha livraria. Mas, sem o ordenado, a coitada teria de dormir na sua velha furgoneta *Volkswagen*, já que quase não ganhava nada de reforma porque, em vez de trabalhar,

passara a vida a correr mundo. Ela, como eu sempre pensava com nostalgia, tinha visto muito mais coisas e vivera mais do que eu alguma vez veria e viveria na minha vida aborrecida e insignificante.

– Nunca te irei despedir – declarei com determinação.

Cheyenne sorriu-me bastante agradecida e disse:

– És boa pessoa.

Devolvi-lhe o sorriso. Mas era evidente que teria de ter alguma ideia se queria que a livraria sobrevivesse. Porque, sem aquele negócio, seria apenas dona de casa e mãe. E isso parecia-me muito pouco. Sobretudo no estado em que se encontrava agora a minha família.

Pedi um desejo ao Universo para que existisse alguma salvação para a minha livraria, apenas para constatar logo de seguida que o Universo tinha um sentido de humor curioso.



Quando me dispunha a sair porta fora, Lena entrou na minha livraria. Logo a Lena! Já não a via há quinze anos, e estava quase igual ao que era na altura: magra e espampanante. Só que agora também vestia roupa cara e elegante, que eu nunca vira fora das revistas cor-de-rosa.

Em tempos remotos, Lena e eu tínhamos trabalhado juntas como editoras júnior supermotivadas na filial alemã da editora Penguin. Lena era ambiciosa e tendia passar por cima dos outros. Ainda assim, eu conseguia sempre ter alguma vantagem em relação a ela. No final, até me ofereceram um cargo em Londres. Tratava-se de um emprego de sonho, com o qual poderia conquistar o mundo como sonhara desde criança. Quando Lena soube da oferta, ficou verde de inveja.

No entanto, tinha conhecido Frank algumas semanas antes num clube recreativo nas margens do Spree. Eu estava a jogar voleibol com uns amigos, ele apareceu, explicou que era novo na cidade, que viera para estudar Direito e perguntou se podia jogar connosco. Olhei-o nos olhos, de um azul profundo, e o meu cérebro disse «adeus, adeus».

Entregou às hormonas a chave do meu corpo e foi de férias para uma praia algures nas Caraíbas beber caipirinhas e divertir-se a dançar o limbo.

Paralelamente, o cérebro de Frank também se despediu. E quando dois cérebros se despedem dessa maneira, não tarda muito a que se chegue a situações em que um se atira para cima do outro num arrebatado de amor e, arrastados pela paixão, não se dá muita importância ao facto de o preservativo sair. Com a consequência de ao fim de algumas semanas sermos surpreendidos por enjoos matinais.

Quando tivemos nas mãos o primeiro teste de gravidez positivo, ficámos bastante contentes. E isso sabendo eu muito bem que, com um bebé, não poderia aceitar o emprego de sonho em Londres. Mas amava Frank como nunca amara ninguém. E desfazer-me do bebé... só de pensar nisso ficava ainda com mais enjoos matinais.

Da primeira vez que vi na ecografia uma coisinha pequena a flutuar, que crescia dentro de mim, emocionei-me. Animadíssima, apontei para o ecrã e murmurei: «Que bonito!» E não me importei que o médico tivesse dito: «Isso é a bexiga.»

Decidi-me contra Londres, a favor do bebé e de Frank. Lena não compreendeu e disse-me que teria optado pelo aborto. Mas ficou contente, porque assim podia ficar com a minha vaga em Londres, algo que comentou com a frase: «A falha do teu preservativo deu-me sorte.»

Depois disso, de vez em quando, chegavam-me informações de que a Lena tinha feito carreira em Londres. Mas não quis conhecer mais pormenores sobre a vida que eu não vivera. Ao princípio, porque eu era muito feliz com a minha vida familiar e, nos últimos anos, porque às vezes me surpreendia a mim mesma com pensamentos do tipo «que teria acontecido se...», e não queira dar-lhes rédea solta. E agora essa vida estava à minha frente. Na minha pequena livraria.

– Lena...? – perguntei incrédula.

– Em carne e osso – respondeu radiante.

Que fazia ela ali? Depois de tantos anos?

– Tu... – balbuciei –, é incrível, continuas na mesma.

– Tu também, Emma von Kieren! – replicou, e ambas soubemos que era mentira.

Eu tinha tantos cabelos brancos que, na casa de banho, tinha hesitado mais de uma vez diante da tinta de cabelo vermelha da minha filha. Ainda para mais, e isso era de facto muito pior, tinha ficado com uma boa barriga devido às gravidezes (Cheyenne chegou até a oferecer-me uma vez uma *T-shirt* com a frase EU VENCI A ANOREXIA).

– E estás outra vez grávida! – exclamou a Lena apontando para a minha barriga.

Fiquei vermelha como um tomate.

E Cheyenne partia-se a rir à sucapa.

Lena viu-me com ar sério e compreendeu:

– Oh, lamento...

– O que... que te traz por aqui? – perguntei para desviar a conversa do tema da minha barriga.

– Estou em Berlim em trabalho. E quando o pessoal do nosso antigo departamento me disse que tinhas uma pequena livraria, pensei em passar cá para te ver – disse ela radiante.

– E... que tal em Londres? – quis saber, e arrependi-me da pergunta quase no mesmo instante em que pronunciei as palavras.

– Muito bem. Agora dirijo o departamento de *best-sellers* internacionais e trabalho o Dan Brown, o John Grisham, a Cornelia Funke... – explicou num tom o mais modesto possível, mas que não ocultava a sua vontade de se exibir.

Foi então que percebi por que razão viera: queria esfregar-me na cara a sua fantástica vida. Mesquinha. De facto, mesquinha. Mas coroada de êxito. Tive de me esforçar imenso para não ficar verde de inveja.

– Vê-se muito o mundo – explicou Lena sorrindo com ar plácido. – Na semana passada estive num festival de literatura nas ilhas Maurícias.

Aí, sim, fiquei verde, e pensei: *Se ela continuar, grito.*

– A acompanhar o Hugh Grant.